

PERTENCIMENTO, PROGRESSO E MODERNIDADE EM SINOP, MATO GROSSO: REFLEXÕES A PARTIR DO RELATO DE UM MORADOR ANTIGO E DE UMA PROPAGANDA DO GRUPO SINOP*

*Este trabalho está vinculado ao edital CAPES/FAPEMAT nº 017/2015.

BELONGING, PROGRESS AND MODERNITY IN SINOP, MATO GROSSO: THOUGHTS THROUGH THE REPORT OF AN ANCIENT RESIDENT AND AN ADVERTISMENT OF GRUPO SINOP

Adriana Lins Precioso 1
Bruno Borguetti Lara 2

Doutora pela Unesp - Ibilce - Campus de São José do Rio Preto-SP, na área de Teoria da Literatura, com o título obtido em 2009 e Mestre pela mesma instituição em 2003. Atua na Teoria da Literatura com ênfase na Literatura Comparada. Atualmente, pesquisa a produção literária produzida em Mato Grosso, as questões de identidade e diferença, bem como as vertentes fantástica da literatura. Coordenadora e professora do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, nas disciplinas Texto e Ensino e Literatura Infantil e Juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas, cadastrado no CNPq. Vice-coordenadora do Grupo LIOA - Literatura italiana e outras artes em parceria com a Profa. Dra. Maria Celeste Tommasello Ramos, da UNESP-IBILCE. E-mail: adrianaprecioso@unemat.br

Discente vinculado à linha de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Campus de Sinop, desenvolve a pesquisa intitulada Crise de civilização em O menino e o mundo, de Alê Abreu, e Vidas secas, de Graciliano Ramos, e integra o Grupo de Pesquisa Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas. Obteve o título de licenciado em Letras pela mesma instituição em 2015. De 2014 a 2015, durante a graduação, também atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Subprojeto Interdisciplinar - Formação para a Diversidade: educação linguística, educação para a diversidade cultural e educação ambiental nas licenciaturas (Letras e Pedagogia) no contexto da Amazônia mato-grossense e entorno do Parque do Xingu. E-mail: brborguetti@gmail.com

*Sociedade de povos errantes...
Imagens de sul, de sol e de sal
Nas tuas praças e no mapa da mina
Os teus pecados lamentam teu mal
Povos silenciados no teu sonho
Capital...
Marli Walker*

Resumo: O presente trabalho objetiva refletir sobre os vínculos existentes entre as noções de pertencimento, progresso e modernidade no processo de colonização do município de Sinop, Mato Grosso. Assim, busca-se, na primeira parte da pesquisa, relacionar as ideias de pertencimento e progresso a partir do relato de um morador antigo e o traçado no formato de casa do mapa da cidade. No decorrer da segunda parte, por sua vez, tenta-se entender, ao se analisar uma propaganda recente do Grupo Sinop, as contradições relacionadas ao mito do progresso e à modernidade, corroboradas pela conversa com o mesmo morador.

Palavras-chave: Pertencimento; progresso; modernidade; colonização de Sinop.

Abstract: The present work aims to think about the links between the notions of belonging, progress and modernity in the colonization process of the city of Sinop, Mato Grosso. This way, in the first part of the research, it intends to relate the ideas of belonging and progress taking into account the report of an ancient resident and the layout in the form of house identified in the map of this city. During the second part, by another turn, was made an effort to understand, by analyzing a recent advertisement of Grupo Sinop, the contradictions that considers the myth of progress and the modernity, elements which are corroborated by the conversation with the same resident.

Keywords: Belonging; progress; modernity; Sinop colonization.

Introdução

Sinop, cujo nome advém de “Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná”, empreendimento responsável por sua colonização e a de outras três cidades vizinhas, a saber, Santa Carmem, Vera e Cláudia, é atualmente o município mais populoso do norte de Mato Grosso e o quarto do estado. Por se configurar como polo econômico regional, compreender seu processo colonizatório significa mergulhar na história recente de Mato Grosso e, em um contexto maior, do Brasil e do mundo em um período no qual a globalização revela as facetas mais contraditórias e perversas da modernidade.

Desse modo, tenta-se, na primeira etapa da pesquisa, entender, através do vínculo entre o relato de um morador antigo e o formato de casa do mapa urbano, como a ideia de progresso fez com que muitos migrantes, em particular sulistas, partissem para Sinop e dela passassem a se sentir parte. Na segunda seção, por sua vez, busca-se expor, a partir de uma propaganda do Grupo Sinop (ou, mais especificamente, da capa de uma revista que assume esse papel), a importância que a publicidade exerceu e ainda exerce no estabelecimento da imagem de Sinop como um lugar em que o progresso se faz presente. O relato do mesmo morador, contudo, revelará algumas das contradições que perpassam esse imaginário, construído por aqueles que “venceram” durante a colonização.

Neste primeiro momento, todavia, encetar-se-á com alusões a algumas datas significativas para a história local e um trecho do relato do morador entrevistado que elucida a constituição da ideia de pertencimento à nova terra.

Pertencimento e progresso: o relato de um morador antigo e o mapa no formato de casa

Conforme anteriormente dito, Sinop, referência ao nome da “Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná”, empresa privada responsável por sua colonização, foi fundada em 1974 e subordinada ao município de Chapada dos Guimarães como distrito em 1976. A emancipação política, contudo, dar-se-ia em 1979, passados oito anos desde a compra das terras de Jorge Martins Phillip pelo colonizador Enio Pipino, nas quais também foram fundadas Vera, Santa Carmem e Cláudia pela mesma colonizadora.¹

Sendo assim, pode-se afirmar que, nos primeiros anos de Sinop, especialmente naqueles em que o atual município fazia parte de Chapada dos Guimarães, era ainda custoso para os colonos, em sua maioria migrantes do Paraná (ou do sul do Brasil), identificarem-se como “sinopenses”. É o que evidencia, por exemplo, o entrevistado desta pesquisa, o qual, tendo saído de Corbélia, Paraná, junto com a família aos sete anos de idade em 1978, acabou por se fixar em Sinop, residindo nela até hoje com sua própria esposa, filhas e neto:

Pergunta: Durante o período em que pertenceu ao município de Chapada dos Guimarães, qual era a identidade dos colonos, como que vocês se identificavam aqui? Vocês eram chapadenses, sinopenses, mato-grossenses ou eram paranaenses? [...]

Resposta: Ah, a maioria das pessoas se diziam sulistas, pessoas vindas do Sul, grande parte paranaenses, gaúchos. [...]

P: E quando que vocês começaram a se identificar como sinopenses?

R: Quando a cidade se desenvolveu mais... Ela se mostrou uma cidade próspera e as pessoas passaram a ter, de certa forma, um certo orgulho dessa cidade e começaram a se autodenominarem sinopenses. Até usava muito aquele termo “sinopenses de coração”.

P: Sim... E como que... Em que sentido ele era usado... “sinopenses de coração”?

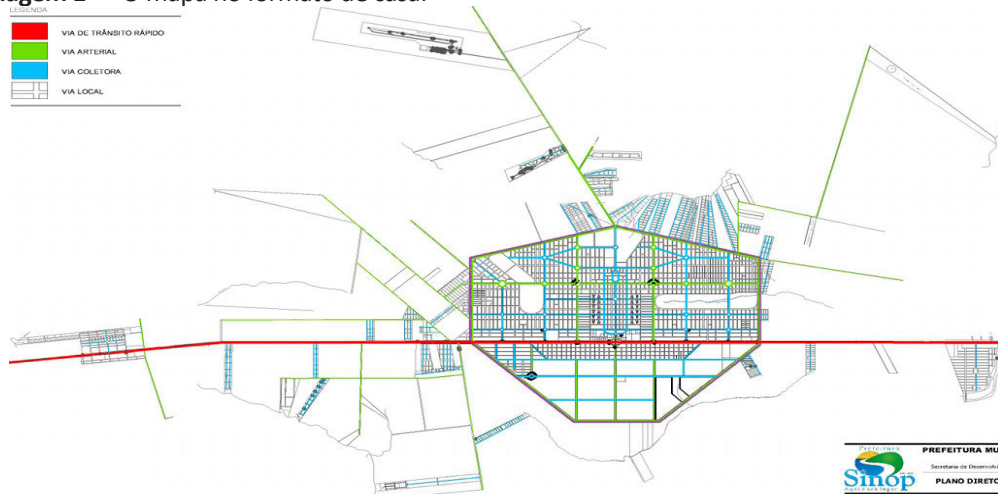
R: A pessoa que não era nascida aqui, uma pessoa que veio de outra região — a maioria do Sul, sulistas. E aí, como ele não era sinopense, seus filhos já tavam nascidos aqui, eram sinopenses autênticos, e as pessoas aí adotaram esse termo, um termo fictício, “sinopenses de coração”: quer dizer, ele adotou como uma mãe adotiva.

¹ Dados obtidos por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponibilidade em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/sinop.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Como se pode perceber, parecia difícil para alguém de um local distante se considerar pertencente à nova terra, parte dela: ao contrário dos “sinopenses autênticos”, os primeiros moradores, por terem saído de uma região longínqua, não podiam ainda se ver como sinopenses; todavia, por estarem longe da terra da qual haviam partido, não podiam, também, deixar de estabelecer algum vínculo com o novo espaço. A saída, assim, por eles encontrada foi se considerarem “sinopenses de coração” ao tomarem Sinop “como uma mãe adotiva”, reafirmando as palavras de Hall (2003, p. 27) sobre o fato de as identidades se tornarem múltiplas na diáspora: apesar de não se perderem todos os vínculos com o lugar primeiro, ele já não é “[...] mais a única fonte de identificação.” (Ibid., p. 26). Não por acaso, aliás, Sinop é associada à figura da mãe, normalmente vinculada às ideias de proteção e acolhimento.

Talvez isso se evidencie facilmente ao se pensar no “ato falho” que os colonizadores deixaram para trás no traçado do mapa da cidade, em formato de casa: simbolicamente, da mesma forma que o útero materno, a casa representa o espaço de proteção, de acolhimento; e, tal qual “[...] **la ciudad** e el templo, la casa está en el centro del mundo; es la imagen del universo.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 257, grifo nosso). Curiosamente, o coração (“sinopenses de *coração*”), ainda que não esteja no centro do mundo, é representativo, também, da ideia de centro (Ibid., p. 341).

Imagem 1 — O mapa no formato de casa.



Fonte: Sinop, Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Sinop, 2006.

A cidade está no centro do mundo; a casa está no centro do mundo; o coração é um centro; sendo “sinopense de coração”, Sinop está em meu coração/centro, e esta terra está no centro do mundo e de mim mesmo — logo, devo amá-la e por ela me sentir acolhido, protegido, pois ela é, também, o útero de minha mãe ou, ainda, minha própria mãe (“mãe adotiva”) e parte de mim. Assim, muito além de ser “sinopense de coração”, sou filho de uma mãe mesmo que (diferentemente de meus filhos) dela não tenha nascido.

A noção de mãe não surge à revelia, conforme se deve imaginar: trata-se da figura que provê, sustenta, gera e mantém a vida e que se associa à Mãe-Terra e à Mãe-Natureza. Ambígua, a natureza representa, também, por seu turno, o imprevisível, a ser dominado e (re)significado, na modernidade, pela razão do homem, isto é, incorporado à cultura pela técnica e pelo trabalho, tomados como alavancas rumo ao progresso. Por isso, os moradores passam a se considerar “sinopenses de coração” justamente quando Sinop se mostra “uma cidade *próspera*” e passam “a ter, de certa forma, *um certo orgulho* dessa cidade.”

É desse modo que, atravessado no discurso do colonizador, hegemônico e burguês, o mito (porque inquestionável) do progresso torna-se constitutivo do imaginário sinopense e sobre Sinop desde o princípio do processo de colonização da nova fronteira. Sem ele, dessa maneira, talvez se possa dizer que nem mesmo o projeto teria tido condições de se iniciar, uma vez que, de acordo com Souza (2004, p. 226), a “eficácia desse discurso imagético sobre a fronteira é importante na construção do espaço imaginário norte-mato-grossense, funcionando como impulsionador do

deslocamento coletivo de migrantes”, na falta do qual dificilmente eles (os migrantes) teriam sido convencidos a partir rumo ao norte de Mato Grosso em busca de melhores condições de vida.

Essa procura por uma vida melhor, normalmente ligada à aquisição da terra para o labor no campo, torna-se visível ao se refletir acerca dos discursos veiculados por moradores mais antigos do lugar. É o caso, por exemplo, do entrevistado desta pesquisa, que, ao explicar os possíveis motivos da partida de sua família de Corbélia para o norte de Mato Grosso, rememora o desejo que os familiares tinham naquele período de possuírem a própria terra, tendo em vista que não a tinham no Paraná:

P: O que que tava acontecendo lá pra vocês virem? Porque ninguém sai de um lugar pro outro sem algum motivo...

R: Bom, eu não sei te dar essa resposta com exatidão pelo fato d’eu ser... era criança na época, tinha sete anos de idade quando... nesse ano que houve a mudança. Mas era a busca de um lugar melhor, ter a própria terra. Imagino que seria isso...

P: Vocês não tinham terra lá?

R: Não.

[...]

P: Daí vocês vieram pra cá... É difícil lembrar, né, porque o senhor era criança: mas tinha alguma propaganda, tinha o quê? O que que fez...

R: Sim, tinha a propaganda da Colonizadora Sinop. Ela era muito forte na região do Paraná lá. Existia uma propaganda, um serviço [...] de *marketing* bastante grande lá, bastante difundido pra atrair mesmo as pessoas pra virem pra cá.

P: E o que que eles diziam sobre a terra?

R: Falavam que era uma terra boa. Existiam alguns sítios aí que levavam fotos da cultura do café, algumas plantas bonitas, bem viçosas ali, que fez o atrativo pr’aquela época.

Embora não se tenha certeza do caso do entrevistado (ele era criança durante a época em que sua família se mudou), é reconhecido que uma das motivações para o apoio à colonização de áreas de Mato Grosso a partir da década de 1970 por parte do Estado brasileiro através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) foi o de, como apontam Castro e outros (2002, p. 67), “aliviar as tensões sociais e políticas nos estados sulinos” em decorrência da “falta” de terras naquelas regiões. Com o avanço da chamada Revolução Verde nos anos 1960 especialmente no sul do Brasil, muitos fazendeiros, por exemplo, também buscaram ampliar seus lucros avançando por sobre as terras de agricultores menores já estabelecidos e expulsando-os delas. Sem chão de onde tirar o sustento e/ou sonhando com a possibilidade de uma vida melhor, diversos sulistas, muitos deles expropriados, vislumbraram, ao entrarem em contato com as propagandas das empresas colonizadoras, a chance de transformarem as intempéries em prosperidade e progresso.

De certo modo, esse foi o caso da família do morador em questão: desejando “um lugar melhor”, “a própria terra”, e convencidos pelo “*marketing* bastante grande lá, bastante difundido pra atrair mesmo as pessoas” da Colonizadora Sinop (a qual, a partir de “fotos da cultura do café, algumas plantas bonitas, bem viçosas”, publicizava a ideia de que, ao contrário do que ocorria no Paraná, os migrantes poderiam plantar café na nova terra sem que precisassem se preocupar com geadas), partiram do Paraná para Mato Grosso e neste último se assentaram.² Contudo, os problemas não tardaram a aparecer:

R: Houve a aquisição de um sítio por parte do meu avô e veio pra cá pra abrir esse sítio e, inicialmente, seria pra cultivar café, plantar café. Aí o café não deu muito certo, tentou-se uma segunda cultura, que foi a mandioca, até conseguiu colher um pouco; fornecia pra Sinop Agroquímica, que, naqueles anos, no início da década de oitenta, passou a fabricar álcool a partir de mandioca, mas também foi um projeto que ele não alavancou. Em oitenta e dois, oitenta e três,

² Para maior exatidão, cumpre enfatizar que o sítio comprado pelo avô do entrevistado se localizava em Santa Carmem, não em Sinop. No entanto, membros da família, dentre os quais o então neto e hoje avô, viveram em Sinop durante a infância para terem acesso à escola. De todo modo, o processo colonizatório foi realizado pela mesma empresa (Colonizadora Sinop) em ambos os lugares.

a Agroquímica parou as suas atividades e essa cultura também não...

P: ... não deu certo...

R: ... não foi pra frente.

Em um primeiro momento, portanto, houve, conforme se pode perceber, a tentativa por parte dos colonos (convencidos pela colonizadora, afinal por esse motivo é que haviam migrado) de implantar a cultura do café na região e fazê-la vicejar, algo que “não deu muito certo”, uma vez que, de acordo com Oliveira (1983 apud SOUZA, 2004, p. 162-163), o “Grupo Sinop não fez experiências com as espécies de café, produto que serviu de mola-mestra para estimular a vinda de migrantes sulistas”, antes de divulgar o grande potencial agrícola das terras para os possíveis compradores. Sendo assim, a empresa colonizadora logo mais se arriscaria, com dinheiro público advindo do Governo Federal, em um novo empreendimento que teria como finalidades manter os moradores fixados na região e atrair o interesse de outros para vender-lhes mais terras. Tratava-se da fundação da Sinop Agroquímica, usina de álcool cujo funcionamento se deu em 1981 e que estimulou os moradores a tentarem “uma segunda cultura, que foi a mandioca”.

Todavia, o projeto “não alavancou” e “essa cultura também não foi pra frente”. Por seu turno, isso se deu devido à “falta de previsão do cronograma de realização, das necessidades de capital de giro e do desenvolvimento da parte agrícola, dificuldades para se obter o financiamento da SUDAM e a demora no prazo decorrido para a intervenção das autoridades públicas” (SOUZA, 2004, p. 164), fatos que levaram a empresa à falência e fizeram com que os agricultores que dela dependiam ficassem em penosa circunstância.

Contudo, é preciso que se diga que a família do morador entrevistado voltou-se posteriormente durante algum tempo à extração de madeira, um dos pilares da economia sinopense por algumas décadas. Mais à frente, retornar-se-á a seu relato; por ora, o trabalho avaliará de que maneira o mito do progresso, sem a influência do qual os migrantes não teriam partido para Sinop, continuou e continua a funcionar como uma imagem que caracteriza o município local e regionalmente.

Progresso e modernidade em Sinop: “O passado nos orgulha e o futuro nos inspira”

Considerando-se o percurso traçado até o momento, é possível notar a relevância da propaganda da empresa colonizadora no que diz respeito ao processo de colonização de Sinop e das outras três cidades por ela criadas em Mato Grosso. Se não se tivesse, por exemplo, propagado a ideia de uma região em que o café poderia ser cultivado sem a dificuldade representada pelas geadas, provavelmente a exploração das áreas sequer teria principiado — ou, caso ocorresse, possivelmente haveria entrado em declínio logo nos primeiros anos.

No entanto, ao contrário do que se pode imaginar, a propaganda, além de ter sido utilizada para convencer os hipotéticos compradores quanto à qualidade das terras, também assumiu o propósito de manter fixados os primeiros habitantes ao veicular o pensamento de que o futuro, na forma de progresso, não tardaria a chegar, cabendo aos colonos o ímpeto de alcançá-lo por meio do trabalho. Assim foi com *O Sinopeano*, jornal da Colonizadora Sinop que serviu para difundir notícias globais, nacionais e locais na região entre 1979 e 1985³, e assim segue, guardadas as necessárias proporções, com outras mídias e suportes na atualidade.

O exemplo que se traz dessa tendência para este trabalho é o da capa da edição número quatro da *Revista Grupo Sinop* publicada em 2013 (e cujo projeto conceitual foi feito pela empresa de propaganda Nova Mídia) em homenagem ao sexagésimo quinto aniversário do grupo, surgido em 1948 a partir da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná. Em 1971, contudo, essa mesma sociedade cria, com o objetivo de colonizar terras em Mato Grosso, a Colonizadora Sinop, que ainda atua nas áreas anteriormente por ela colonizadas.

³ Para mais detalhes, recomenda-se a leitura do trabalho escrito por Oliveira e outras (2013), cuja referência é disponibilizada no espaço apropriado.

Imagem 2 — Capa da Revista Grupo Sinop.



Fonte: Revista Grupo Sinop, 2013.

Na capa da revista, disposta acima, há a predominância do azul, que, além de se associar à cor do céu, em uma possível referência ao nome “Gleba Celeste”, colonizada pelo Grupo Sinop, é, de acordo com Heller (2013, p. 32), representativo da noção de racionalidade, valorizada em particular nos tempos modernos com o apogeu da ciência. Não por acaso, aliás, o branco, que também expressa a ideia de intelectualidade (Ibid.), vincula-se a essa cor no material, conforme se vê no título e em outros termos escritos. Por sua vez, os três colonizadores (Enio Pipino, Nilza de Oliveira Pipino e João Carvalho, da esquerda para a direita) aparecem no centro da imagem (o Grupo Sinop e a história de seus processos de colonização “girariam” ao redor deles), sendo constituídos pelo mosaico e o constituindo.

Por seu turno, a presença de Nilza atrás dos dois colonizadores corresponde à visão de que “há sempre uma grande mulher *por trás* dos feitos de grandes homens”; além disso, é preciso que se perceba que seu olhar, fixo no horizonte, remete a um futuro a ser alcançado logo adiante, ligando-se ao pensamento expresso pelo *slogan* adotado pela empresa e disposto na capa. Dessa forma, pode-se afirmar que esse mesmo lema, “o passado nos **orgulha** e o futuro nos **inspira**”, concentra e resume o(s) sentido(s) que atravessa(m) a capa e toda a revista: “os colonizadores, por meio da razão e da técnica, construíram um passado que nos constitui e de que temos de nos *orgulhar*; sem eles, não teríamos como alcançar futuramente o progresso, que *inspira* nossas ações no presente, no caminho rumo à prosperidade.”

Indicado pela flecha sob o número 65, idade que o grupo completava em 2013, esse “caminho rumo à prosperidade”, todavia, independentemente da importância dos colonizadores na história das cidades por eles fundadas, também acaba por esconder as contradições que perpassaram os empreendimentos colonizatórios. Esse fato, no entanto, não é de se estranhar, visto que o apogeu da ideologia do progresso está relacionado com o da própria burguesia e sua atuação como classe dominante.

Assim, talvez se possa dizer que Sinop e o norte de Mato Grosso se situam ainda na primeira fase da modernidade, na qual, ainda que se tenha buscado “derreter” toda a solidez do Antigo Regime, se tentou, também, substituí-la por uma ordem tão sólida quanto a anterior, com uma “[...] solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.” (BAUMAN, 2001, p. 10). A essa primeira fase, contudo, se contraporia, em especial nos grandes centros, uma segunda, líquida, com os “[...] padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos

nos deixar depois guiar [...] cada vez mais em falta” (Ibid., p. 14) e que se traduziria em uma época em que a fluidez, única certeza dos indivíduos, transformou as relações e escolhas humanas em algo frágil e incerto.

Desse modo, a este último período corresponderia a ideia de crise de civilização, já que a modernidade líquida se distinguiria da sólida a partir de duas mudanças fundamentais:

A primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã [...], algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns de seus aspectos postulados [...]

A segunda mudança é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado (“individualizado”), atribuído às vísceras e energia individuais [...] (Ibid., p. 41).

Dessa maneira, compreende-se que a modernidade ficou marcada, em um primeiro momento, pela fé na capacidade da ciência e da técnica de resolverem os problemas do mundo, ou seja, de, através do empenho coletivo, ordenarem-no rumo ao progresso e a uma “sociedade boa”, sem conflitos e perfeita, que até mesmo o futuro seria capaz de controlar. No entanto, essa perspectiva começaria a ser posta em xeque na fase posterior (e líquida) da modernidade, em que se percebeu que a técnica, muito pelo contrário, não estaria criando uma ordem perfeita, mas sim levando o mundo a um estágio em que, dentre vários problemas, a crise ambiental, filha da industrialização, se fazia cada vez mais presente e no qual as antigas instituições, sendo o Estado-nação uma delas, já não conseguiam mais proteger a sociedade dos efeitos dos interesses econômicos, que passavam a ser globais.

Em virtude disso, os indivíduos, desamparados de um poder local capaz de administrar efetivamente as consequências de uma economia mundializada, viram-se, com maior constância, forçados a buscar soluções individuais para problemas até então relativos à esfera coletiva. Por esses motivos, portanto, torna-se custoso afirmar que Sinop e o norte de Mato Grosso, ainda que integrados (marginalmente, que se ressalte) a uma economia global, estejam em um período líquido-moderno, já que a ideia de progresso, resumida na crença de que uma “sociedade boa”, de certo modo perfeita, justa e sem conflitos, possa ser atingida amanhã, está, como se viu até agora, bastante arraigada ao pensamento da região.

Essa ideologia, entretanto, apesar de ter auxiliado no projeto colonizatório ao atrair colonos para a nova terra e fazer com que eles se sentissem parte do local (o exemplo do mapa da cidade, já discutido, é notório sob esse aspecto), também foi responsável pelo apagamento de todo o processo de exploração e precarização da vida de vários migrantes que partiram rumo a essa “Terra Prometida”. Muitos deles, aliás, ali terminaram (ou dali saíram) empobrecidos, por vezes em bairros periféricos, onde, segundo Souza (2004, p. 273), justamente “[...] vivem o nordestino e o sulista ‘fracassado’, que são prestadores de serviços, única alternativa para manterem-se no sistema social e econômico”.

Mesmo que não pareça um desses casos extremos, o relato do entrevistado indubitavelmente não integraria a história escrita com o “mel da terra” pelos vencedores e cristalizada na memória de e sobre Sinop, que insiste em silenciar as vozes dela dissonantes:

P: E vocês fizeram o que com o sítio depois disso [em relação à falência da usina]?

R: Com o fechamento da Sinop Agroquímica, o sítio foi abandonado. Ele voltou a crescer a mata lá e, posteriormente, ele foi vendido.

P: Vendido?... Vocês se lembram... o senhor se lembra pra quem que ele foi vendido... ou

não?

R: Eu não sei exatamente, mas ele foi vendido p'ruma fazenda grande. Hoje, ele faz parte, tá incorporado a uma fazenda muito grande de cultura de soja.

Depois da quebra da Sinop Agroquímica, a família dedicou-se ainda por algum tempo à extração de madeira (esse dado foi obtido em um diálogo informal com o morador antes da gravação). Após mais essa tentativa frustrada, todavia, os familiares acabaram por se dispersar em busca de outros ofícios e, abandonando o sítio, venderam-no, ao fim, “pr'uma fazenda grande”, “muito grande de cultura de soja”.

Esse fato, por mais irrisório que pareça, torna ainda necessárias algumas reflexões sobre o processo colonizatório empreendido na região de Sinop: em primeiro lugar, “[...] é possível que não se visasse o produto ou a produção agrícola, mas apenas a venda de terras e o lucro imobiliário” (Ibid., 2015, p. 139), tendo em vista os sucessivos projetos mal-estudados e mal-elaborados por parte da colonizadora no que tange ao trabalho com a terra; em segundo, e ainda relacionado ao anterior, que, ao contrário do que muito se propaga,

[...] a colonização não veio para ser a ‘mola propulsora’ de desenvolvimento agrícola, ela foi uma fonte disciplinadora de polos agroquímicos, agropecuários, madeireiros e urbanos, ligados ao projeto político do Governo Brasileiro, com o discurso [...] de modernização da sociedade brasileira. (Ibid., p. 140).

Dessa forma, deve-se dizer que, embora se imagine que os migrantes tenham sido estimulados a partirem para a região e nela melhorarem suas vidas, tudo se tratou, na verdade, de um projeto do Estado, dominado pelas elites, para a abertura de uma nova fronteira com o objetivo de submetê-la aos interesses do capital. Assim, a “borra” da sociedade fracassou ao, crendo no mito do progresso, tentar através do trabalho atingir a prosperidade; e a “nata”, que produz e faz com que se reproduzam os discursos dos vencedores, isto é, os seus próprios, ao expropriar a “borra”, tomou para si os frutos da exploração, ficando com o mel da terra.

Por fim, em que pesem os vínculos entre progresso e modernidade, na falta dos quais dificilmente a colonização de Sinop e do norte de Mato Grosso teria ocorrido, é preciso que se diga que a ideia de pertencimento à nova terra não foi construída sem as contradições que perpassam processos dessa natureza. E, embora não se deva de todo condenar esses discursos e práticas tendo em vista o contexto em que se situavam, esquecê-los significaria negar o sofrimento daqueles que sonharam (e sonham) com uma vida mais digna para todos.

Considerações finais

Conforme exposto nas páginas anteriores, Sinop emancipou-se politicamente em 1979, cinco anos depois de sua fundação; e teve como primeiros moradores indivíduos provenientes de outras regiões, em particular do Paraná (ou do sul do Brasil). Nesse sentido, parece custoso imaginar que os colonos, durante o período, se reconheçam como “sinopenses”, uma vez que a distância entre a terra de origem e aquela para a qual migravam dificultava a identificação com o novo espaço.

Desse modo, objetivou-se, a princípio, evidenciar como as ideias de progresso e pertencimento fizeram com que os migrantes fossem para as áreas colonizadas pelo Grupo Sinop e nelas se fixassem. Essa compreensão, por seu turno, somente se tornou possível graças ao relato fornecido por um morador antigo de Sinop que saiu, em 1978, com sete anos de idade, do município de Corbélia, no Paraná, junto com a família em busca de “um lugar melhor”.

Nessa mesma parte do trabalho, por sua vez, também se pôde entender de que maneira, através de um “ato falho” deixado para trás pelos colonizadores, o mapa da cidade, no formato de casa, acabou por ajudar a transformar Sinop em um local que oferecia, assim como uma mãe, acolhimento aos que ali chegavam, fazendo-os sentirem-se filhos de “uma mãe adotiva” e parte da nova terra. “Sinopenses de coração” e integrados ao espaço, os colonos trataram de dominar a natureza, figura ambígua que, relacionada à materna, tanto representaria aquela que provê,

sustenta, gera e mantém a vida como, também, um lugar a ser dominado, na modernidade, pela técnica e pelo trabalho, meios de se alcançar o progresso.

Contudo, essas ideologias, conforme se explanou na segunda parte da pesquisa, continuam a funcionar mesmo depois de décadas de fundação da cidade. Isso se evidenciou, por conseguinte, ao se tomar como exemplo a capa de uma edição da *Revista Grupo Sinop* de 2013 em homenagem ao sexagésimo quinto aniversário do grupo, a partir da qual se pode afirmar que elas seguem constituindo o imaginário dos habitantes da cidade, já que três colonizadores ocupam o centro da capa, além de serem formados por (e formarem) um mosaico com fotografias de hipotéticos moradores. Ademais, a predominância do azul ao fundo remete ao emprego da razão e da técnica, molas a levarem os homens rumo ao progresso.

Entretanto, já em crise em grandes centros do mundo, esses “ideais” (prosperidade e progresso) terminam por silenciar as contradições dos processos colonizatórios e de exploração da “nata” sobre a “borra” da sociedade. Dessa forma, ao se refletir acerca de trabalhos feitos no que tange à história do município e associá-los ao relato do entrevistado, percebeu-se que a abertura da fronteira no norte de Mato Grosso, em vez de necessariamente melhorar a vida daqueles que para ali migraram em busca de maior dignidade, serviu para submeter as riquezas da região aos interesses das elites nacionais e globais.

Por fim, deve-se dizer que o projeto de colonização dificilmente teria obtido êxito na ausência dos vínculos entre as três noções discutidas ao longo do trabalho, uma vez que foram eles que fizeram com que os migrantes acreditassem na possibilidade de transformarem suas vidas e tomassem coragem para partir para a nova terra. Todavia, é preciso que não se permita que se apaguem da memória as contradições perpetradas pelo projeto colonizatório, já que isso significaria negar o sofrimento pelo qual passaram todos aqueles que apenas desejavam (e ainda desejam) uma vida dignamente mais humana.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTRO, Sueli Pereira et al. **A colonização oficial em Mato Grosso: “a nata e a borra da sociedade”**. Cuiabá: EdUFMT, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

ENTREVISTADO. **Entrevistado**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Bruno Borguetti Lara. Sinop, MT, 2016. 1 gravador de celular. Entrevista concedida para a escrita do artigo Pertencimento, progresso e modernidade em Sinop, Mato Grosso: reflexões a partir do relato de um morador antigo e de uma propaganda do Grupo Sinop.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

OLIVEIRA, Tânia Pitombo de et al. Discurso e identidade: o papel do jornal O Sinopeano na construção de um imaginário do município de Sinop e da posição sujeito sinopeense. In: SEMINÁRIO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 5., 2013, Sinop. **Anais...** Sinop: UNEMAT, 2013. Disponibilidade em: <http://sinop.unemat.br/v-semi-info-edu/wp-content/uploads/2013/07/discurso_e_identidade_o_papel_do_jornal_o_sinopeano_na_construcao_de_um_imaginario_do_municipio_de_sinop_e_da_posicao_sujeito_sinopeense.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2017.

REVISTA GRUPO SINOP. [S.l.:s.n.], 2013.

SINOP. Lei complementar nº 029/2006, de 18 de dezembro de 2006. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Sinop**, Sinop, 18 dez. 2006. Disponibilidade em: <<http://www.cidades>>

gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Sinop_PlanoDiretorMT.pdf >. Acesso em: 13 nov. 2016.

SOUZA, Edison Antônio de. Sinop: espaço e memória. In: DIAS, Marieta Prata de Lima et al. (Orgs.). **Amazônia: visão caleidoscópica**. Recife: Pipa Comunicação, 2015. p. 121-145.

_____. **Sinop: história, imagens e relatos**. Um estudo sobre a sua colonização. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

Recebido em 10 de janeiro de 2018.

Aceito em 15 de fevereiro de 2018.